

HERÓIS OU VILÕES NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE DUAS JOVENS NAÇÕES? REPRESENTAÇÕES DO GAUCHO ARGENTINO E DO CAIPIRA BRASILEIRO NOS PROJETOS PÓS-PROCLAMAÇÃO REPUBLICANA

Jonathan de O. Molar*

Recebido 02/09/2011 Aprovado 12/10/2011
--

Resumo: *O presente trabalho propõe-se a discutir as representações elaboradas acerca do caipira brasileiro e do gaúcho argentino durante os momentos de formação e consolidação das Repúblicas, a partir da visão de uma série de intelectuais do Brasil e da Argentina por meio de pinturas, artigos e obras literárias, pautando-se pela noção de história comparada. Apesar de distintas temporalidades, isto é, a Argentina adotou o regime republicano durante a primeira metade do século XIX e apresentou as discussões sobre a formação da identidade nacional e de suas figuras típicas anteriormente à história brasileira, a qual se deu no fim do XIX e início do século XX, ressalta-se, contudo, que a divergência temporal em nada diminui a riqueza das discussões sobre o gaúcho e o caipira, pelo contrário, enriquece-as. Pois, havia discussões e possíveis aproximações de dois países vizinhos recém republicanos e de uma série de grupos e/ou indivíduos que ansiavam liderar projetos políticos, econômicos, culturais e educacionais, cuja abordagem perpassaria pelo passado, presente e futuro nacional.*

Palavras-chave: *gaúcho, caipira, identidade, formação do Estado republicano, representações*

Abstract: *This study aims to discuss the representations elaborated on the caipira Brazilian and Argentine gaúcho during times of formation and consolidation of republics, from the vision of a number of intellectuals in Brazil and Argentina through paintings, articles and literary works, always focusing on the notion of comparative history. Although different temporalities, that is, Argentina adopts the republican regime until the first half of the nineteenth century and presents discussions on the formation of national identity and its forms prior to the typical Brazilian history, which will take place at the end of the nineteenth and early twentieth century, it is noteworthy, however, that the divergence time in no way diminishes the richness of the discussions about the gaúcho and the redneck, instead, enriches them. Well, there was discussion and possible approaches of the two neighboring countries recently and Republicans on a number of groups and / or individuals who lead projects longed political, economic, cultural and educational approach which permeated by the past, present and future national.*

Keywords: *gaúcho, caipira, identity, formation of the state Republican, representatives*

* Doutorando em Educação pela UFPR. jonathanmolar@hotmail.com

Introdução

Este artigo propõe-se a problematizar quais os papéis atribuídos ao gaúcho argentinoⁱ e ao caipira brasileiroⁱⁱ nos debates em torno da formação da identidade nacional após a adoção do regime republicano nesses países. E, de que forma, o estudo desses papéis contribuiu para a construção de grupos e de projetos nacionais na arena econômica, política e educacional no seio dos incipientes sistemas republicanos. Nesse sentido aponta Laguado: “En Argentina como en el resto de América Latina, el proceso de construcción del Estado nacional demandó casi todo El siglo XIX [...]” (LAGUADO, 2007, p. 1).

As fontes utilizadas para dialogar com a questão do gaúcho e do caboclo referem-se a três intelectuais argentinos e a três brasileirosⁱⁱⁱ que em suas obras trabalharam (seja para apoiar ou refutar) essas duas figuras nacionais. Na questão argentina utiliza-se os escritores Faustino Sarmiento^{iv} e Jose Hernandez^v e o pintor Juan Pallière^{vi}; no caso brasileiro, o escritor Monteiro Lobato^{vii}, o pintor José Ferraz de Almeida Jr;^{viii} e o músico e escritor Cornélio Pires.^{ix}

Nesse sentido, a baliza temporal a ser abarcada nessa pesquisa corresponde ao período de formação e consolidação do Estado republicano. Necessariamente, tal processo se deu em temporalidades distintas no Brasil e na Argentina, pretende-se, desse modo, realizar um estudo em história comparada, noção essa, que vem sendo utilizada com grande frequência no campo historiográfico. Afinal, a interculturalidade e o interesse crescente na história de outros países, principalmente, dos países latinos vizinhos, colaboram em grande medida para essa intensificação.

A histórica comparada, não poderia ser diferente, trabalha em um duplo grau de observação e investigação, pois, analisar a história de dois ou mais países torna-se uma tarefa inquietante e complexa - tanto que, o recorte temporal, as operações teóricas e as fontes podem não ser idênticas, conforme as peculiaridades e situações de cada nação em voga. Segundo Barros:

A história comparada, desse modo – ao impor àqueles que a praticam um novo modo de pensar a história na própria construção de seu recorte, bem como um modo bastante específico de trabalhar sobre as realidades históricas assim observadas -, revela-se uma oportunidade singular para que se repense a própria história em seus desafios e em seus limites (BARROS, 2007, p. 285).

Sustentando-se na noção de história comparada, afirma-se que as distintas temporalidades da formação e consolidação republicana no Brasil e na Argentina não atrapalham a discussão, também não se incorre em anacronismos, pelo contrário, enriquece-as, pois, há pontos de intersecção entre os dois países, ainda que em momentos ímpares.

A República brasileira nasceu tardiamente (1889), já que, após a independência em 1822, o país presenciou sessenta e sete anos de Império que pouco se distanciava do período colonial; a realidade da Argentina apresenta-se de forma diversa - com o movimento de independência que cessa em 1816, em um curto espaço de tempo já havia a instituição de um país que buscava uma organização republicana para a harmonização de suas províncias, por outro lado, a discussão para a adoção do federalismo ou unitarismo prolongou-se por algumas décadas e interferiu com intensidade no projeto nacional a ser almejado.^x

Inseridos nesse contexto, o caipira e o gaúcho ora eram vistos como sinônimo de atraso para o desenvolvimento nacional, ora símbolo das tradições e da história, devendo, pois, ser rememorado pelos cidadãos. Tal discussão explícita congruências e divergências *sui generis* e que podem ser interligadas, enfatizando não só o produto de uma época, mas a formação de nações que estavam em construção. Com base no ideal modernizador, enfatiza Alberdi: “[...] Todo emigrante europeu que va a América deja allí su sello de civilización [...]” (ALBERDI *apud* LAGUADO, 2007, p. 28).

Nesse sentido, as questões do caboclo e do gaúcho apresentam raízes profundas, pois, podem ser compreendidas tanto pelo prisma racial quanto sócio-cultural. O primeiro viés, pelo fato de representarem a combinação genético/racial do branco com o índio, adentrando na questão tida como “degenerativa” da mestiçagem; o segundo, por suas práticas culturais particulares – a vestimenta, os cacoetes lingüísticos, etc.

A formação das Repúblicas

Deve-se compreender que as bases que envolviam o gaúcho argentino e o caipira brasileiro perpassavam por questões mais amplas que a estritamente étnico-social - as representações dessas duas figuras nacionais foram difundidas por meio das imagens e obras de intelectuais e de artistas, trilhando uma vasta gama de possíveis caminhos para as Repúblicas que nasciam. Conforme enfatiza José Murilo de Carvalho, a população

brasileira dormiu como um Império e acordou como uma República sem tomar conhecimento das diferenças estruturais e de governo de dois sistemas distintos. (CARVALHO, 1990).

Em Repúblicas incipientes do século XIX, como a brasileira e a argentina, um dos caminhos de hegemonia do meio social relacionava-se à questão identitária de formação nacional, cuja conseqüência, abrangia também, um projeto educacional que levaria ao acesso das futuras gerações o passado e o presente, a fim de que pudessem alavancar o futuro. Dessa forma, o gaucho argentino e o caipira brasileiro, em temporalidades distintas, tornaram-se figura central de um mesmo ideal: a construção de nações republicanas.

Desse modo, o período temporal elencado na questão argentina vai de 1816 a 1874, pois abarca desde o fim do processo de independência à distintas diretrizes para a consolidação da República - personificadas em uma série de governantes que transitavam do federalismo ao unitarismo (Rivadavia, Rosas, Dorrego, Urquiza, etc), findando com o governo de Faustino Sarmiento em 1874. Pois, após 1974 a Argentina adotou constitucionalmente o sistema federativo sem desprestigiar a unidade da capital Buenos Aires – encontrando, assim, pacificação entre as províncias, ainda que de forma instável.

Durante as primeiras décadas do regime republicano argentino, nas plataformas e diretrizes de seus governantes, o gaucho foi deslocado para pólos distintos, indo do enaltecimento ao exílio em meio a uma atmosfera de teorias deterministas, de rápida urbanização do país e de crescente imigração européia. De acordo com Mitre: “A versão historiográfica dessa disputa expressa-se no confronto entre as chamadas perspectivas iluminista e nacionalista cada qual reivindicando para si filiação exclusiva ao curso legítimo da história argentina e imputando à outra toda sorte de bastardias”. (MITRE, 1997, p. 1).

Os grupos federalistas e unitaristas^{xi} dividiram o projeto nacional argentino, necessariamente que por trás dessas duas denominações perpassava-se um ideal liberal e um nacionalista (em vários momentos alternando-se a figura de liberal ou nacionalista nos atores sociais), que agitava não só os interesses argentinos, mas também das grandes potências mundiais sobre o futuro argentino em âmbito político-econômico. Conforme Romero:

[...] cada una de las provincias buscó su propio camino. Los grandes propietarios, los fuertes caudillos, los comerciantes poderosos y los grupos populares de las ciudades que gravitaban en la plaza pública procuraron imponer sus puntos de vista y provocaron, con sus encontrados intereses, situaciones muy tensas [...] (ROMERO, 2004, p. 63).

Na questão brasileira recortam-se as discussões que vão de 1889 a 1945, pois, designa o auge das discussões sobre a identidade nacional (SCWARCZ, 1994), nesse sentido, aponta Maria Luiza Tucci Carneiro: "Em fins do século XIX o Brasil vivia um momento de profundas transformações [...] avanços e recuos sociais colocaram o Brasil ora em ritmo de modernidade, ora como símbolo de atraso [...]". (CARNEIRO, 1998, p. 23).

A realidade nacional brasileira apresenta, de maneira geral, dois períodos bem demarcados dentro do recorte proposto:^{xii} entre 1889 a 1930 a predominância dos ideais modernizadores na República Velha exportados da Europa; e, de 1930 a 1945 com a centralização na figura de Getúlio Vargas e sua bandeira nacionalista-desenvolvimentista,^{xiii} visualiza-se maior pluralidade de grupos na sociedade e políticas de enaltecimento à nacionalidade, além da inserção do país com maior intensidade no mercado econômico mundial (BARROS, 1990).

Durante a República Velha (1889-1930) averigua-se, em linhas gerais, certa padronização de concepções sobre as diretrizes para a República, ou seja, o branqueamento populacional era admitido como condição necessária para a modernização e progresso do país (SCHWARCZ, 1994), sendo a nação comandada por sanitaristas, intelectuais e artistas que possuíam idéias positivistas e a crença no desenvolvimento do país como espelho europeu, a França Tropical (CARVALHO, 1990).

Posteriormente, durante o período da Era Vargas (1930-1945) o Brasil passou por transformações com a complexificação da sociedade nacional – devido ao aumento da industrialização, urbanização, etc. (ORTIZ, 1994) - o caipira começou a receber outro enfoque: tímidas opiniões contrárias ao caboclo preguiçoso emergiam na sociedade, acrescentando a sua personalidade a idéia de esperteza e de generosidade. Para Glauco Barsalini:

O avanço do capitalismo desarticulava os modos de vida tradicionais, gerando novos comportamentos e relações impessoais. Tal processo foi notório nas cidades, pois, apesar de surgirem uma composição do sistema

capitalista urbano, elas não o eram até 30 e 40. [...] Entre 30 e 60, essa população viveu, mais intensamente que antes, o radical processo de transformações sociais [...] (BARSALINI, 2002, p. 18).

Desse modo, em ambos os países, o sentimento de formação nacional fazia-se latente. Sentimento esse de um projeto unificador que adivinha com o conceito moderno de “nação”, pois, para a construção nacional há uma série de fatores que geram sua fundação e, principalmente, manutenção. (JANELA; RAMOS, 2007). As questões étnicas, religiosas ou linguísticas são fatores relevantes, mas não suficientes para a formação de uma nação, já que, esta depende das três temporalidades, isto é, passado, presente e futuro. Segundo Poutignat e Streiff-Fenart:

A nação moderna como Estado ou como conjunto de pessoas que aspiram à formação de um determinado Estado difere em número, em extensão e em natureza das comunidades às quais as pessoas se identificaram no decorrer do tempo histórico. (POUTIGNAT; STREIFF-FENART, 1998, p. 53-54).

Conforme explicita o hino esparciata: “Nó somos o que vocês foram, nós seremos o que vocês são” (Renan, 2010, p.1). Nesse sentido, agregada à idéia de nação forma-se o conceito de identidade, o qual permite que um indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado por este; e, mais amplamente, realizando a identificação de uma comunidade. Para Laguado:

El concepto de nación tiene varias dimensiones: una relacionada con las bases culturales comunes dadas por la historia compartida; outra que implica un sentimiento de conciencia colectiva y que funciona como mecanismo integrador en una comunidad política determinada (...) (LAGUADO, 2007, p. 2).

Para as Repúblicas brasileiras e argentinas que se descolavam de um passado colonial imposto e, muitas vezes, pouco direcionado às raízes do território sul americano, a formação identitária nacional de sua população mostrava-se como um caminho promissor para a consolidação de novas bases, não só política, mas econômica, cultural e educacional, pois, assim, acertariam seus ponteiros com o relógio internacional. (SEVCENKO, 2001).

Em suma, o caipira e o gaucho “genuinamente da terra” presenciaram a perpetuação no plano social da mitificação de suas tradições e culturas, possibilitando múltiplos vieses de abordagem, sendo, desse modo, mola propulsora para a análise da

realidade nacional de duas jovens Repúblicas: a brasileira e a argentina, as quais discutiam o projeto de nação e identidade a serem adotados.

Representação: noção propulsora

Propõe-se a dialogar, nesse artigo, com uma diversidade de linguagens – imagens e obras literárias. Enfatiza-se, pois, a união da linguagem audiovisual à escrita, gerando a decodificação de linguagens distintas, afinal, o meio utilizado para o entendimento dos conteúdos, acontecimentos, etc. não é uníssono, pelo contrário, faz-se plural. Para Godard: “Palavras e imagens são como cadeira e mesa: se você quiser se sentar à mesa, precisa de ambas”. (GODARD *apud* JOLY, 1996, p. 115)

As percepções do plano social não atingem a ingênua pretensão historicista da neutralidade, pois, produzem estratégias e práticas que tendem a imprimir uma autoridade institucionalizada, legitimando um projeto reformador ou justificando as escolhas e valores dos próprios indivíduos. Ou seja, as investigações sobre as representações estão calcadas no campo das “possibilidades”, cujos desafios se intercalam em termos de poder e legitimação. Segundo Baczko: “Por detrás dos imaginários, procuravam-se os agentes sociais, por assim dizer, em estado de nudez, despojados de suas máscaras, de suas roupagens, dos seus sonhos e representações [...]”. (BACZKO, 1985, p. 297).

Transportando para o contexto dessa pesquisa, os grupos envolvidos na idealização dos projetos e diretrizes que as Repúblicas recém formadas deviriam seguir, estavam incorporados de certa autoridade institucionalizada no plano social, a qual legitimaria e embasaria determinadas linhas para o futuro, isto é, explicitavam imagens preconcebidas sobre si e sobre a sociedade que desejavam. Desse modo, os indivíduos que elaboravam ordens discursivas/ representativas nas nações republicanas em formação não agenciavam um início e um fim prévio para o discurso, mas, um jogo de configuração das subjetividades, provocando efeitos no tecido social. De acordo com Bakhtin:

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (Bakhtin, 1992, p. 113).

O controle das representações – da sua reprodução, difusão e manejo – aspira assegurar em graus variáveis uma real influência sobre os comportamentos e os relacionamentos humanos, resultantes de experiências e expectativas da coletividade. Nesse sentido, o gaúcho e o caipira foram realocados para as discussões da formação nacional republicana no Brasil e na Argentina e transportados por meio de um jogo de representações de ordem discursiva no plano do cotidiano.

O gaúcho argentino e o caipira brasileiro: elos de uma mesma corrente

A discussão acerca da formação nacional republicana e de projetos para seu futuro recebeu grande vulto entre intelectuais, sanitaristas e artistas argentinos e brasileiros. Duas figuras são centrais nesse debate: o gaúcho argentino e o caipira brasileiro, habitantes da terra e descendentes da miscigenação de um passado histórico colonial, adentraram em obras literárias, filmes e pinturas que pontuavam distintas diretrizes para o porvir da nação.

Na visão liberal tornavam-se vilões que levaram suas nações ao atraso e viriam a impedir um futuro democrático e desenvolvido; pelo olhar nacionalista, símbolos de um passado enriquecedor, expresso no *modus vivendi* de suas tradições rurais. Com base nessa intrincada relação das visões liberal e nacionalista deu-se o cerne da discussão sobre a construção nacional pós proclamação da República, utilizando-se do gaúcho e do caipira para alçar vãos mais amplos que atingiram a esfera política, econômica, cultura e educacional.

A linguagem literária veiculou em centenas de páginas as discussões sociais recorrentes sobre o gaúcho e o caipira; a literatura, muito mais, que uma expressão artística configura-se como obra cultural. Portanto, uma representação histórica de um determinado período. Segundo Carlos Vinícius Costa de Mendonça: "É necessária a compreensão de que a literatura é, além de um fenômeno estético, uma manifestação cultural". (MENDONÇA, 2003, p. 3).

Nessa relação dialética pode-se inserir Monteiro Lobato - durante sua vida, ao falar do caipira nacional, Lobato é enfático e paradoxal. A visão que se popularizou do caipira nas obras do autor foi a do Jeca Tatu (lançado em 1923 no livro *Urupês*): preguiçoso e vadio, não trabalhava e degradava o meio ambiente. Conforme Monteiro Lobato: "Nada o esperta. Nenhuma ferroviária o põe de pé. Social, como

individualmente, em todos os atos da vida, Jeca, antes de agir, acocora-se.” (LOBATO, 1964, p. 280).

O personagem Jeca Tatu teve grande projeção mercadológica, saindo da literatura para adentrar nas discussões do período sobre eugenia, progresso etc. Monteiro Lobato refere-se ao caboclo do seguinte modo: No conto “Velha Praga” o caboclo é visto como um parasita que suga os recursos disponíveis na natureza não devolvendo nada em troca. Lobato apelida-o de “argas”, um parasita da galinha, para o autor: “Este funesto parasita da terra é o CABOCLO, espécie de homem baldio, semi-nomade, inadaptável a civilização, mas que vive à beira dela na penumbra das zonas fronteiriças [...]”. (LOBATO, 1964, p. 271).

Em seus textos, o autor, utiliza-se de expressões da área da biologia, exatamente para atestar a condição de parasitismo do caipira. O caboclo é o ‘Ai Jesus! nacional’ [...] incapaz de evolução, impenetrável ao progresso. Pobre Jeca Tatu! Como és bonito no romance e feio na realidade! [...]”. (Id., ibidem, p. 281). Ao considerar o caboclo como uma praga em proliferação^{xiv} Lobato esquece ou, ao menos, omite qualquer fator externo que não seja a constituição da caipira como condicionante da pobreza e das precárias condições sanitárias dessa comunidade. Atribuindo-lhes única e exclusiva culpa no entrave não só das questões agrícolas, mas, do desenvolvimento do país como um todo.^{xv}

Na área educacional, Lobato detecta os problemas estruturais do ensino brasileiro - intelectual paradoxal - em alguns assuntos tornava-se liberal, em outros, nacionalista de corpo e alma; para tanto, na arena educacional seu viés era nacionalista e em um de seus artigos para o jornal, afirmava:

A inteligência só entra a funcionar com prazer, eficientemente, quando a imaginação lhe serve de guia. A bagagem de Julio Verne, amontoada na memória, faz nascer o desejo do estudo. Suportamos e compreendemos o abstrato só quando já existe material concreto na memória. Mas pegar de uma pobre criança e pô-la a decorar nomes de rios, cidades, golfos, mares, como se faz hoje, sem intermédio da imaginação, chega a ser criminoso. É no entanto o que se faz!... A arte abrindo caminho à ciência: quando compreenderão os professores que o segredo de tudo está aqui? (LOBATO apud BIGNOTTO, 1999, p. 7).

Figura semelhante em outros países da América Latina, o caipira pode ser aproximado à realidade do gaúcho, pois, apresenta identidade bastante demarcada e

tornou-se objeto na Argentina sobre as questões da formação de um Estado Nacional. O gaúcho foi alvo de análise de Faustino Sarmiento e pode ser encontrado na obra “Facundo” de 1845; obra essa, em que escreve durante o exílio do governo federalista de Rosas, sendo o nome do livro inspirado em Facundo Quiroga – homem político e caudilho. O livro apresenta claramente uma intencionalidade política e de denúncia sobre o regime rosista. Segundo Sarmiento:

[...] El caudillo argentino es un Mahoma, que pudiera, a su antojo, cambiar la religión dominante y forjar una nueva. Tiene todos los poderes: su injusticia es una desgracia para su víctima, pero no un abuso de su parte; porque él puede ser injusto; más todavía: él ha de ser injusto necesariamente, siempre lo ha sido [...] (SARMIENTO, 2006, p. 68).

Sarmiento argumentava que os caudilhos amparados sobre a base social de apoio dos gaúchos engatilharam uma guerra civil na Argentina que culminou com o golpe de Rosas. O governo rosista levaria a Argentina ao atraso e a supressão das liberdades; o Estado argentino deveria cessar o “estado em purgatório” para alcançar o “paraíso civilizador”, desse modo, representava na visão de Sarmiento o período de barbárie em que vivia seu país. Nesse sentido, Mitre destaca que:

Desde sua publicação, em 1845, e até os dias de hoje, o ensaio de Sarmiento vem sendo uma referência iniludível no debate desenvolvido em torno do problema da identidade cultural nos países hispano-americanos. No campo minado das idéias argentinas, o retorno ao Facundo tem sido empreendido insistentemente tanto por aqueles que o consideram um marco fundamental no processo de constituição da nacionalidade, como pelos que, ao contrário, apontam-no como um de seus principais desvios (MITRE, 1997, p. 3).

A partir disso, Sarmiento “retratava” em seu livro o estado de natureza em que vivia o gaúcho, sem rumo fixo e desafiando a todos, desde a professora dos tempos escolares às leis quando adulto (SARMIENTO, 2006). A forma rude e apegada ao nomadismo era para Sarmiento o símbolo do ócio e atrelado as bebedeiras e jogatinas, a gênese do atraso.

De acordo com Sarmiento, o espaço geográfico (os Pampas) em que vivia o gaúcho com sua liberdade sem limites colaborava para a derivação dos sentimentos mais irracionais. O panorama desértico e afastado dos grandes centros urbanos engendra o gaúcho na e pela barbárie. Distintamente, apresentava uma Buenos Aires que vinha se

desenvolvendo comercialmente e começava a receber as primeiras ondas imigracionais da etnia “pura” – os brancos europeus. Conforme Sarmiento:

[...] El hombre de la ciudad viste el traje europeo, vive de la vida civilizada, tal como la conocemos en todas partes: allí están las leyes, las ideas de progreso, los medios de instrucción, alguna organización municipal, el gobierno regular, etc. Saliendo del recinto de las ciudades todo cambia de aspecto: el hombre de campo lleva otro traje, que llamaré americano, por ser común a todos los pueblos. Sus hábitos de vida son diversos; sus necesidades, peculiares y limitadas; parecen dos sociedades distintas, dos pueblos extraños uno de otro. Aún hay más: el hombre de la campaña, lejos de aspirar a semejarse al de la ciudad, rechaza con desdén, su lujo y sus modales corteses, y el vestido del ciudadano, el frac, la capa, la silla, ningún signo europeo puede presentarse impunemente en la campaña. Todo lo que hay de civilizado en la ciudad, está bloqueado allí, proscrito afuera, y el que osara mostrarse con levita, por ejemplo, y montado en silla inglesa, atraería sobre sí las burlas y las agresiones brutales de los campesinos. (SARMIENTO, 2006, p. 38).

O gaúcho para o grupo liberal significava o obstáculo maior para a construção de um Estado Nacional moderno e voltado para um suposto progresso positivista e inspirado nos ideais iluministas, o prisma negativo do gaúcho em Sarmiento, necessariamente, perpassa por seu momento pessoal de exílio e oposição a Rosas, contudo, visualiza-se a construção desse Estado Nacional como discussão recorrente de Sarmiento em seus escritos, ou seja, um ideal “maior”.

Sarmiento vislumbrava um futuro governo que seria encaminhado pela trilha da razão e da cidadania exemplar e democrática; o gaúcho, porém, para se integrar nesse novo sistema teria que deixar de ser gaúcho, ao menos, no que tange às suas tradições históricas. Sarmiento em sua outra obra: “De La Educación Popular” cita que:

La educación ha de preparar a las naciones en masa para el uso de los derechos que hoy no pertenecen ya a tal o cual clase de la sociedad, sino simplemente a la condición de hombre ?El poder, la riqueza y la fuerza de una nación dependen de la capacidad industrial, moral e intelectual de los individuos que la componen. Y la educación pública no debe tener otro fin que el aumentar esta fuerza de producción, de acción y de dirección, aumentando cada vez más el número de individuos que las posean?. (SARMIENTO, 1849, p. 12).

Educação popular atrelada ao jugo liberal e ao desenvolvimento entendido como o avanço industrial e de riquezas da nação, sendo que, à educação reservava-se

como finalidade a produção de mão de obra para o mercado de trabalho. Assim se constituía um dos pilares do edifício teórico de Sarmiento.

Retornando à realidade brasileira, o caipira inerte, de cócoras, enquanto, o mundo se transforma perante seu olhar imóvel também foi tema das telas do pintor Almeida Jr. Retratando o ambiente rural o artista representa caboclos em estado amorfo de vida. Os títulos de suas obras já dão indícios do que vem a ser as imagens apresentadas na telas, tais como – Caipira Picando Fumo (1893) e Caipiras Negaceando (1889).

Nessa direção analítica, a pintura e, de forma ampla, o conjunto iconográfico tem por característica representar o seu respectivo objeto, afinal, segundo Martine Joly: “substitui-se a experiência por representações” (JOLY, 1996, p. 76). Desse modo, o caipira foi retratado pelo aspecto representativo do visual a partir de uma visão particular, todavia, partilhada por boa parte da população brasileira em fins do século XIX.

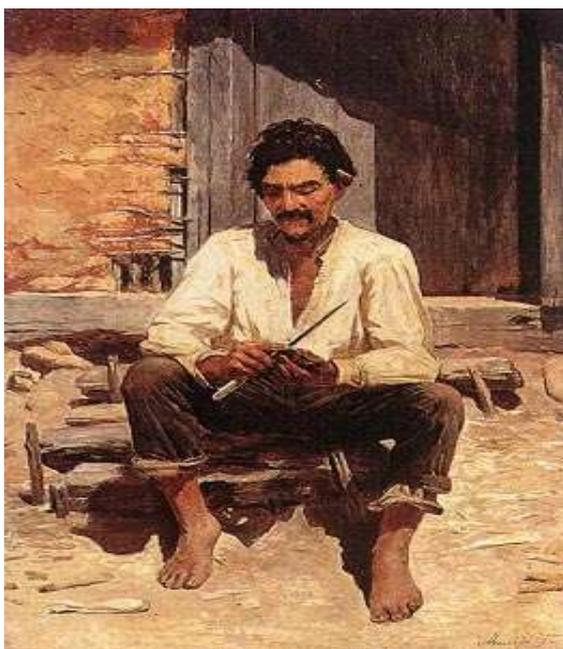


Fig. 1 **Caipira picando fumo**
Fonte: www.itaucultural.org.br



Fig. 2 – **Caipira negaceando**
Fonte: www.itaucultural.org.br

Na primeira tela de Almeida Jr. representa-se um caboclo em trajés modestos, traços de pobreza, além, é claro, de permanecer quase que de cócoras para picar o fumo.^{xvi} A ambientação rústica, comum ao ambiente rural, além do vestuário típico de seus habitantes, possibilita uma representação sugestiva para inserir o caipira indolente, preso a terra e as suas tradições autóctones.

Desse modo, o caboclo é representado pela “*Lei do Menor Esforço*” (LOBATO, 1964), isto é, seu apego às formas mínimas de sobrevivência - uma prática comum e que perpassa gerações da cultura caipira, sendo entendida nas páginas de Lobato como vadiagem. A única manifestação artística existente na cultura cabocla que merece tal denominação para Lobato é a moda de viola - porém para o literato, esta descenderia do mulato.

Na segunda pintura, representa-se dois caboclos negaceando, postados de modo a dar o “bote” em um possível animal. De forma animalizante e pictórica, esses caipiras foram retratados sob o estigma da selvageria. O fundo preto ressalta ainda mais as duas figuras, demonstrando um ambiente sombrio. Quando não está de cócoras, o caboclo é taxado pelo viés do atraso cultural.

Notadamente, apresentar o regionalismo como temática artística torna-se um ponto instigante e de sinergia cultural nacional, afinal, retratava-se uma parcela populacional carente e distante das esferas de poder e de prestígio, por outro lado, o resgate das tradições caipiras se fez de forma arraigada, pois, a complexidade que Antônio Cândido^{xvii} aponta sobre a estruturação da sociedade e dos laços de parentesco do caboclo é abandonada por representações pictóricas, perpetuadas socialmente. Para Cândido:

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico e social, o caipira se apegou a elas como expressão de sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Daí o atraso que feriu a atenção e criou tantos estereótipos [...] Em verdade, esse mecanismo de sobrevivência, pelo apego as formas mínimas de ajustamento, provocou certa aniquilose da sua cultura [...] (CANDIDO, 1964, p. 60).

O pintor argentino Leon Pallière também representou em várias telas o gaúcho argentino, sendo, alias, o seu principal objeto artístico. Considerado um dos maiores pintores regionais da Argentina, assim como Almeida Jr. no Brasil, Pallière fez do gaúcho seu tipo preferido.



Fig 3 - **Pulpéria del campo**
Fonte: www.itaucultural.org.br



Fig. 4 - **La cuna**
Fonte: www.itaucultural.org.br

Na primeira tela, Pallière retrata dois gaúchos: um que está montado no cavalo - o modo com que está parado em cima do animal explicita uma feição de atenção para com o outro gaucho - sentado, encostado à parede e com um violão nas mãos. Atenta-se para o fato da música (como na questão caipira, centro de tradições culturais) enquanto momento de diversão e de resgate das tradições, contudo, transparece o sentimento também de ócio e de desapego às questões que não sejam do âmbito rural; atrela-se a isso, outro lugar comum e de sociabilidade do gaucho, a mercearia.

Retratado com suas roupas típicas, em habitação precária, com um violão e um facão fincando na terra, o gaucho é visualizado estritamente por seu viés regional diante dos olhos de um pintor citadino e de estudos europeus. A pobreza do local contrasta com o ar de passividade e de relaxamento dos dois gaúchos.

Na outra imagem, identifica-se uma mulher que aparentemente está velando o sono de um bebê, certamente, seu filho. Pallière adentra aos cômodos da moradia do gaucho argentino. Se a primeira tela representava os modos de sociabilidade do gaucho, nessa, faz-se menção ao interior de sua habitação. O foco apenas muda do exterior para o interior, pois, a pobreza e a desorganização continuam latentes.

Na parte superior do quarto um varal com roupas penduradas e amontoadas; no canto direito da imagem novamente a figura do violão. Ainda no flanco direito, uma cama desarrumada com as cobertas caindo ao chão, próximas a um cachorro (animal típico das descrições de Monteiro Lobato sobre o caipira brasileiro). A mulher da

imagem apresenta uma feição de cansaço e desilusão ao velar o sono do bebê que se assenta em um pequeno espaço improvisado - um berço. Desse modo, a constituição do gaúcho é a de um ambiente desarrumado e pouco condizente com a vida urbana das grandes cidades.

Seus traços regionais são inventariados enquanto estigma, o senso comum de uma compreensão europeizante (seja elaborada por argentinos ou brasileiros) sobre uma figura típica das tradições regionais. O modo de vida do gaúcho é analisado pelo prisma do exótico, generalizável, destoando minimamente das telas que retratam o caipira brasileiro.

Novamente ancorando-se em Monteiro Lobato, em 1924, o autor foi contratado para elaborar um almanaque publicitário para divulgar o produto Biotônico Fontoura, sendo seu personagem, agora chamado de Jeca Tatuzinho a estrela da produção. Nessa “obra”, há um fim diferente para o caipira, não por mudanças da concepção de Lobato, mas, para justificar a eficiência do Biotônico.

A inércia e vadiagem do caboclo são atribuídas aos vermes parasitantes decorrentes das precárias condições sanitárias do meio rural. Desse modo, após o médico receitar ao Jeca o Biotônico, num passe de mágica, o caipira se tornou trabalhador e vigoroso. Segundo Lobato:

Tudo o q o doutor disse aconteceu direitinho! Três meses depois ninguém mais conhecia o Jeca [...] O Biotônico deixou-o bonito, corado, forte como um touro. A preguiça desapareceu [...] Só pensava em melhoramentos, progressos, coisas americanas. Aprendeu logo a ler [...] Quero falar a língua dos bifés para ir aos Estados Unidos [...] (LOBATO, 1924, p. 3).

Dessa forma, o Jeca foi inserido na ótica da modernidade, pois, aprendeu inglês, comprou carro, etc. De vadio a herói do interior, o viés mercadológico suplanta a aversão pessoal de Lobato. Em menos de um ano (de Urupês ao almanaque), o caipira como em uma cirurgia físico-psíquica, transforma-se no tipo social adequado para o período – moderno e trabalhador.

Eis que, em 1945, Monteiro Lobato lança o personagem Zé Brasil, de pouca projeção mercadológica, mas, de grande interesse ideológico. Zé Brasil, vivendo também nas mesmas condições de miséria que a do caipira precursor de Lobato, apresenta personalidade distinta a do Jeca Tatu precursor.

Nesse enredo, a pobreza do caipira é atribuída às desigualdades sociais reinantes no país, ou seja, a desgraça do caboclo não é mais um traço existencial de sua personalidade. A “exaltada” preguiça desaparece do discurso de Lobato, iniciando então, a reflexão político-social do país. Segundo o autor: “Para eles está bom mesmo! Não precisam trabalhar e são donos de tudo [...] O mal está aí, Zé. No dia em que quem trabalhar ficar o dono do produto [...] tudo entrará nos eixos e todos serão felizes [...]” (LOBATO, 1964, p. 5).

A transformação do pensamento lobatiano sobre o caboclo pode ter sido um dos reflexos da filiação do autor ao Partido Comunista, anos antes de publicar tal obra. Em *Zé Brasil*, nota-se traços particulares da ideologia comunista, além de constar na obra, várias menções a Luiz Carlos Prestes,^{xviii} tido na história como o “salvador do Brasil”.

Da direita à esquerda, Lobato, foi *sui generis* em suas representações sobre o caipira - do estereótipo crucificante ao entendimento das agruras do modo de vida do caboclo. Nesse ponto, reside a alteridade discursiva, ou seja, um conceito fluído, em estado de agitação.

Na Argentina, contrapondo-se ao personagem Facundo de Sarmiento, ganhava relevância na sociedade portenha as obras: *Martin Fierro* (1872) e a *Volta de Martin Fierro* (1878) de José Hernandez. O mesmo gaúcho errante pelos campos e coxilhas não apresenta o barbarismo em suas entranhas, mas sim, a glória de suas tradições e costumes. Segundo Hernandez por meio de sua obra:

*Mi gloria es vivir tan libre
Como el pájaro del cielo:
No hago nido en este suelo
Ande hay tanto que sufrir,
Y naides me ha de seguir
Cuando yo remuento el vuelo.* (HERNANDEZ, 2004, p. 4).

Diferentemente da conotação empreendida por Sarmiento, em *Martín Fierro* o gaúcho começa a padecer quando é capturado por um juiz de paz e é levado para regiões fronteiriças do país com a tarefa de consolidar e expandir o estado nacional “civilizador”. De acordo com Prieto: “Para los grupos dirigentes de la población nativa, esse criollismo pudo significar el modo de afirmación de su propia legitimidad y el modo de rechazo de la presencia inquietante del extranjero”. (PRIETO, 1988, p. 13)

Sem armas, ferramentas e alimentos adequados, o gaúcho se depara com obstáculos cada vez maiores nas regiões fronteiriças. Tratado como escravo e na aflição

de uma vida em que não está adaptado, tem-se início as estrofes da obra de Hernandez. Retirado de sua esposa e de seus filhos e levado a um mundo hostil, o gaúcho foge para reencontrar seu habitat, contudo, surpreende-se que ao regressar não encontra nada do que havia deixado.

Na visão de Hernandez, o gaúcho permanece a margem da lei devido aos abusos recorrentes que eram praticados pelas autoridades e não por seu estado de selvageria, conforme atestava Sarmiento. Os dilemas sofridos pelo gaúcho representam o encontro social de um setor marginalizado e expulso do seio de uma coletividade dirigente (liberal) que elegeu como paradigma o “mundo do progresso”. De acordo com Hernandez:

*Estaba el gaucho en su pago
con toda siguridá,
pero aura... ¡barbaridá!,
La cosa anda tan fruncida,
que gasta el pobre la vida
en juir de la autoridá.* (HERNANDEZ, 2004, p. 20).

O paradigma moderno não admitiria na órbita de seu funcionamento um indivíduo ou grupo que não residisse em um ponto fixo ou que não compartilhasse de hábitos europeizantes. Em Martín Fierro, há o clamor de um gaúcho diante das feridas que tal paradigma lhe trouxe, em outras palavras, personagem estigmatizado nas áreas social e intelectual. Hernandez, além de apoiar uma das figuras típicas da história argentina, coloca-o como símbolo da nação e o cimento identitário popular.

Retomando a discussão sobre o caboclo brasileiro, na literatura e na música durante a primeira metade do século XX e contrariando as diretrizes de branqueamento populacional e as teses eugênicas de superioridade da etnia branca, Cornélio Pires apresentava para a sociedade nacional o modo de vida caipira, sertanejo. Dessa forma, disseminava a cultura cabocla em contos, obras e músicas, tornando-se um dos precursores da moda de viola.

Nesse sentido, Pires em suas obras evidenciava a cultura caipira em seus cacoetes, vestimentas, modo de vida etc., ou seja, no começo de século XX majoritariamente eugênico, ergue-se outra roupagem sobre o caboclo. Em sua obra, “Conversas ao pé do fogo”, Pires elabora um “dicionário caipira” e detalhava diversos tipos de caboclos – o negro, o mulato, o branco – enfim, pluralidades que se entrecruzam a partir da miscigenação étnica.

Para tanto, por mais que Pires tenha realizado um detalhamento biológico sobre os diversos tipos de caipira, não o fez de forma eugênica – ou seja, estando o caipira que descendia do branco em posição superior aos demais tipos, pelo contrário, colocava que este é “uma classe decadente”. A diferenciação étnica estipulada por Pires não gerava em seu discurso segmentações na cultura e nas tradições cabocla, pois, abordava tais aspectos de modo a visualizar o grupo caipira sem distinções internas.

O caipira em Pires era tratado de modo romântico e jocoso, todavia, sem perder os vínculos com sua cultura originária. Autor regionalista distanciava-se de retratar o caboclo pelo viés do senso comum, assim como pode se encontrado, em alguns momentos, em Almeida Jr. e em determinadas fases de Monteiro Lobato. Destarte, sua prosa sem muita erudição e versada com os cacoetes do linguajar sertanejo recebeu críticas de se estar fazendo uma sublitteratura, tendo como um de seus críticos Antônio Cândido (CÂNDIDO, 1973). Em “Conversas ao pé do fogo”, Pires explicita:

*Aí, seu moço, eu só quiria p'ra minha filicidade
Um bão fandango por dia, e um pala de qualidade.
Porva espingarda e cutia, um facão fala verdade,
e ú a viola de harmonia p'ra chorá minha sodade.
Um rancho na bêra d'água. Vara de anzó, pôca
Mângua, pinga boa e bão café...fumo forte de sobejo,
p'ra compretá meu desejo, cavalo bão – e muié...(PIRES, 1987, p. 18).*

Infere-se com clareza a utilização de um linguajar caipira na composição das obras que, se não representava grande erudição do ponto de vista acadêmico tradicional, evidenciava aspectos profundos da cultura cabocla. Além disso, em poucas linhas abarcava alguns componentes nodais dessa mesma cultura e que compunham a peculiaridade das sociabilidades desse caipira, dentre outros termos, tem-se: a música, a espingarda, a viola, o rancho, a cachaça etc.

No excerto anterior de Pires, o caipira sente saudades, assim como, o gaucho de Hernandez, atenta-se que as transformações ocorridas na sociedade e o distanciamento de um modo de vida interiorano interferem nas representações elaboradas sobre tais personagens. Na canção “Moda de peão”, o caboclo lembrava a montaria em animais como o momento em que era feliz, segue um trecho:

*Eu domava burro brabo
E chegava no mourão
O macho cavava a terra*

*Levanta poera no chão...
Oi, vida é a minha!*

*Do que eu tinha mais vergonha
Das duas filhas do patrão
Ai, que tavam dando risada:
"Vamo ve o jeito do peão!..." (PIRES, <http://www.topmusicas.net/cornelio-pires/moda-do-peao.htm>)*

Aponta-se novamente a saudades em tom lírico, lamurioso, como o espaço de recordar particularidades de um modo de vida singular, ainda mais, quando envolve a montaria em animal xucro e a observação feminina sobre o desempenho do peão. Notadamente, a cultura cabocla guarda em si o toque que figura entre o romantismo e a simplicidade, ingenuidade e perspicácia se fundem nesse tipo que habita o interior do país.

Para Pires, o caipira era um corajoso, pois, mesmo enfrentando situações adversas para sobreviver e estereotipado pela elite republicana nacional, permanecia a figurar no cenário brasileiro mantendo o núcleo dura de suas tradições, retrato esse, muito próximo do elaborado por Euclides da Cunha sobre o sertanejo nordestino – “o sertanejo, antes de tudo é um forte” (CUNHA, 1979).

Em suma, o papel do caboclo e do gaúcho perpassava por um debate histórico, social e educacional amplo e cambiante temporalmente; entre os que apoiavam ou refutavam as características da cultura cabocla e/ou gaúcha estavam presentes alguns dos artistas e intelectuais mais relevantes das sociedades argentina e brasileira. Em síntese, o movimento pendular entre o viés preconceituoso e o tolerante confluía para abarcar a multiplicidade de situações em que o gaúcho e o caipira se interpunham.

Considerações finais

Para os intelectuais analisados e inserindo-se por base os recortes temporais abarcados nesse estudo, o gaúcho e o caipira tornaram-se objeto propício para que os grupos que ansiavam pelo controle das rédeas de Brasil e Argentina engendrassem no plano social o ideal de sociedade e de construção nacional que consideravam apropriados. Tanto brasileiros quanto argentinos, por meio dessas duas figuras nacionais trabalharam com a representação e o imaginário popular dos indivíduos, pois, todo emissor pretende alcançar um receptor. Conforme Bourdieu:

As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social mais conforme a seus interesses e, imporem o campo das tomadas de posições ideológicas reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais. (BOURDIEU, 1998, p.11).

A busca pela legitimação de “novas” diretrizes que impulsionariam as recentes nações republicanas corroboraram para a importância destacada às questões identitárias e nacionais. Logo, escolhas implicam em renúncias, daí essa, aliás, demarcadas em dois projetos distintos, porém, debatidos por classes que possuíam as “regras do jogo”.

Liberais ou nacionalistas, o futuro de duas incipientes Repúblicas, em temporalidades distintas, fazia-se aproximar por dissonantes representações sobre o passado e o presente como agentes catalisadores para o futuro tido como ideal. Tanto no século XIX como em boa parte do XX a formação, ou melhor, os ajustes e as contendas ideológicas, ainda se mostravam instáveis no Brasil e na Argentina, dessa forma, o caipira e o gaúcho foram representados em diversificados setores da sociedade como uma das possibilidades possíveis para a legitimação de um projeto hegemônico, afinal argumentar sobre o passado e trazê-lo para o presente pode provocar uma série de memórias e sentidos aos indivíduos de uma comunidade.

Ao lidar com a noção de construção nacional os intelectuais argentinos e brasileiros abrangem o plano do poder, pois, o campo de atuação social, político, econômico, cultural e educacional torna-se difusor de conceitos e idéias que se espraiam pela sociedade. As perspectivas de poder e saber estão interligadas, afinal não há uma relação de poder ante a constituição de um campo do saber. O indivíduo que exerce o poder transforma-se em um agente que será o detentor de determinado saber ou vice versa. Segundo Bourdieu:

[...] que se define en y por una relación determinada entre los que ejercen el poder y los que los sufren, es decir, en la estructura misma del campo donde se produce y se reproduce la creencia.⁶ Lo que hace el poder de las palabras y las palabras de orden, poder de mantener el orden o de subvertirlo, es la creencia en la legitimidad de las palabras y de quien las pronuncia, creencia cuya producción no es competencia de las palabras. (BOURDIEU, 2000, p. 4).

Dessa forma, seja na pintura, na música ou na literatura o gaúcho argentino e o caipira brasileiro foram porta-vozes desses autores, avançando de um pólo ao outro, isto é, do ideal modernizador e europeizante, no qual tais figuras eram consideradas o grande problema para o futuro da nação (étnico, social e educacional) à visão

nacionalista, cujo modelo histórico-identitário perpassava pela rememoração e exaltação de seus “habitantes-estandartes”, símbolos.

Documentação

ALMEIDA JR. J. **Caipira picando fumo**. 1893. Disponível em: www.itaucultural.org.br Acessado em: 10/10/2010.

____. **Caipira Negaceando**. 1888. Disponível em: www.itaucultural.org.br Acessado em: 10/10/2010.

HERNANDEZ, José. **El Gaucho Martín Fierro**. Buenos Aires: Stockero, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Urupês**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

____. **Almanaque Biotônico Fontoura**. São Paulo, 1924.

____. **Zé Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1964.

PALLIERE, Juan L. **La cuna**. 1864. Disponível em: www.itaucultural.org.br Acessado em: 20/10/2010.

____. **La pulperia del campo**. 1864. Disponível em: www.itaucultural.org.br Acessado em: 20/10/2010.

PIRES, Cornélio. **Conversas ao pé do fogo**: estudinhos, costumes, contos, anedoctas, cenas da escravidão. São Paulo: Imprensa Oficial, 1987.

____. **Moda de peão**. Disponível em: <http://www.topmusicas.net/cornelio-pires/moda-do-peao.htm> Acessado em: 20/06/2011.

SARMIENTO, Faustino. **Facundo**: civilización y barbárie. 2. Ed. Buenos Aires: Colihue, 2006.

____. **De la Educación Popular**. Santiago: Imprenta de Julio Belin e Cia, 1849.

Referências bibliográficas

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, v.1, 1985.

BAKHTIN, Mickail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

BARROS, José D’A. História comparada: atualidades e origens de um campo disciplinar. **História Revista**, Goiania, v. 12, n. 2, 2007.

BARROS, Edgard Luiz de. **O Brasil de 1945 a 1964**. São Paulo: Contexto, 1990.

BARSALINI, Glauco. **Mazzaropi, o jeca do Brasil**. Campinas: Átomo, 2002.

- BIGNOTTO, Cilza. **Monteiro Lobato e a infância na República Velha**. Disponível em: <http://www.iel.unicamp.br/memoria/Ensaios/RepublicaVelha.htm> 1999. Acessado em: 7/1/2010.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. Sobre el poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Intelectuales, política y poder**. Buenos Aires, UBA/ Eudeba, 2000.
- CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do rio bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos meios de vida**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- _____. **Literatura e sociedade**. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1973.
- CARNEIRO, Maria Luiza T. **O racismo na história do Brasil: mito e realidade**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- CUNHA, Euclides. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de H. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 6. ed. Curitiba: Positivo, 2005.
- ELIA, Shamsuddín. **Los moriscos de a caballo por la Pampa**. Disponível em: <http://www.islamhoy.org/principal/Latinoamerica/argentina/Elias.htm> Acessado em: 10/02/2010.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3. ed. São Paulo: DP&A, 1999.
- JANELA, Alemrindo A; RAMOS, Emílio L.V. Estado-Nação, educação e cidadanias em transição. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, ano/vol. 20, 2007.
- JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. Campinas: Papyrus, 1996.
- LAGUADO, Arturo C. El pensamiento liberal en la construcción del Estado nacional argentino. In: GONZALES, Jorge H. **Nación y nacionalismo en América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2007.
- MENDONÇA, Carlos Vinícius C. de. Os desafios teóricos da História e a literatura. **História Hoje**, São Paulo, v.1, n. 2, 2003.
- MITRE, Antônio. A Parábola do Espelho: Identidade e Modernidade no Facundo de Sarmiento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelaine. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998.

PRIETO, Adolfo. **El discurso criollista en la formación de la Argentina Moderna**. Buenos Aires: SUDAMERICANA, 1988.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? Disponível em: <http://www.unicamp.br/~aulas/VOLUME01/ernest.pdf> Acessado em: 15/03/2010.

ROMERO, José L. **Breve historia de la Argentina**. 5. ed. Buenos Aires: Fondo de Cultura Econômica, 2004.

SCHWARCZ, Lilia M. Espetáculo da Miscigenação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 20, abril, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

Notas

ⁱ Errante pela região dos Pampas e ostentando cultura e valores próprios, os primeiros gaúchos assentaram-se no Rio da Prata durante os séculos XVI e XVII (ELIA, 2010). De origem andaluz européia e descendente dos mouros, advém o significado da palavra “gaúcho” – condutor de gado. Sendo que, posteriormente recebe adjetivações pouco lisonjeiras, como: ladrão de gado ou ladrão de fronteira.

ⁱⁱ Recebeu diversas denominações e se concentrou, historicamente, no interior do país. Segundo o dicionário Aurélio: “habitante do campo ou da roça. Diz-se de caipira – caboclo, capiau, jeca, matuto, roceiro, sertanejo” (FERREIRA, 2005, p. 198). Seminômade decorrente da forte concentração agrária do Brasil e à margem do sistema capitalista foi concebido pela elite dirigente como obstáculo ao progresso ou símbolo tradicional da história nacional.

ⁱⁱⁱ Na maioria das vezes sendo contemporâneos entre si e inseridos na delimitação temporal proposta por esse artigo.

^{iv} **Domingo Faustino Sarmiento Albarracín** (1811, San Juan – 1888, Assunção). Durante a década de 1840, devido a sua oposição ao regime de Juan Manuel Rosas, Sarmiento exilou-se no Chile, onde escreveu seu livro mais conhecido: *Facundo – civilización y barbarie* (1845). Também no Chile, Sarmiento foi encarregado pelo governo do país de aprimorar a educação pública chilena, desse modo, viajou pela Europa e pelos Estados Unidos estudando os sistemas educacionais. Seus relatos de viagem foram publicados no livro “Viajes”.

^v **José Hernández** (Buenos Aires, 1834 - Belgrano, 1886). Autodidata e, por meio de numerosas leituras, adquiriu firmes idéias políticas - defendia a idéia de que as províncias não deveriam permanecer ligadas ao unitarismo das autoridades centrais estabelecidas em Buenos Aires. Foi deputado e senador, porém, através da poesia conseguiu eco para suas propostas e a mais valiosa contribuição para a causa dos gaúchos. *El gaucho Martín Fierro* (1872) e sua continuação, *La vuelta de Martín Fierro* (1876), juntos, formam um poema épico popular, é considerado, geralmente, o “livro pátrio da Argentina”.

^{vi} **Juan Pedro León Pallière** (Rio de Janeiro, 1823 – Paris, 1887). Nascido no Brasil, quando criança foi estudar em Paris, local em que ficou até se graduar em Belas Artes. Posteriormente, faz da Argentina sua residência, estudando também na Academia de Belas Artes de Buenos Aires. Pallière é considerado um dos grandes pintores do regionalismo, retratando cenas no mundo rural e do gaúcho; não pode ser considerado um mero viajante “europeu”, pelo contrario, tornou-se um profundo conhecedor das tradições e do modo de vida da sociedade argentina.

^{vii} **José Bento Renato Monteiro Lobato** (Taubaté, 1882 — São Paulo, 1948). Foi um dos mais influentes escritores brasileiros do século XX, o "precursor" da literatura infantil brasileira e de inúmeros contos (geralmente sobre temas regionais). Envolveu-se na política e assíduo defensor das coisas nacionais, engajou-se durante a década de 30 com a campanha de produção petrolífera do país.

^{viii} **José Ferraz de Almeida Júnior** (Itu, 1850 – Piracicaba, 1899). Foi um ilustre pintor e desenhista brasileiro, é frequentemente aclamado pela historiografia como o precursor da abordagem de temática regionalista, introduzindo assuntos até então inéditos na produção acadêmica.

^{ix} **Cornélio Pires** (Tietê 1884 – São Paulo 1958). Tornou-se um dos mais conhecidos divulgadores de músicas e contos caipiras do país. Em 1929 lançou “A turma de Cornélio Pires”, disco que alcançou alta vendagem e distribuição para a época.

^x As recorrentes disputas entre as Províncias quanto a forma federal ou unitária de governo durante todo o século XIX, faz do conceito de República na Argentina um termo *sui generis*. Pois, apesar das primeiras tentativas de uma Constituição Federal que proclamasse a República como forma de governo e de Estado, tal situação só vai ocorrer em 1953 (ROMERO, 2004). Contudo, para fins didáticos da pesquisa e devido as províncias apresentarem, em sua grande maioria, após a independência, governadores que se relacionavam por meio de acordos e blocos de interesses considerar-se-á o modelo de formação e de aspirações republicanas na Argentina desde 1816.

^{xi} Os unitaristas partiam do ideal de que as províncias localizadas no interior do território argentino deveriam se submeter à Buenos Aires (capital federal) nas áreas da economia, política, educação, etc. Já os federalistas pretendiam a interdependência das províncias, porém, articuladas para a composição da nação. (MITRE, 1997).

^{xii} A discussão apresentada faz referencia a questão institucional, isto é, dos grupos que de fato alcançaram o topo do Estado, pois, obviamente que na arena social brasileira também existia uma pluralidade de jogos pelo poder e de visões sobre o futuro nacional; relação última, que se constitui na riqueza e no cerne dessa pesquisa.

^{xiii} Convém argumentar que apesar dessa divisão didática em dois momentos da república brasileira e, mais amplamente, a divisão também efetuada na questão argentina, as noções de construção nacional a partir dos prismas liberal e nacionalista trafegavam em maior ou menor grau por esses períodos, ou seja, não são recortes estanques, pelo contrário, traduzem a riqueza de ideias que discutiam a formação social e seu deslizar pela questão temporal.

^{xiv} Nesse embate, insere-se a frustração pessoal de Lobato, seu sonho de ser um agricultor desmoronou em menos de um ano de tentativas, ao passo que, os caboclos do interior, em técnicas rudimentares e propriedades modestas, conseguiam levar a diante a agricultura.

^{xv} No período abarcado pelas obras de Monteiro Lobato não se pode esquecer que os habitantes do campo no Brasil perfaziam em média 60% da população nacional.

^{xvi} Representa-se visualmente o Jeca Tatu de Lobato, aliás, o literato, se inspirou nas telas de Almeida Jr., o caipira de cócoras desde então se perpetuou linguagem comum e plural, conforme afirmou em algumas de suas obras. (URUPÊS, 1964).

^{xvii} Antônio Cândido em “Parceiros do Rio Bonito”, clássico bibliográfico sobre a questão caipira no Brasil, aponta que a estruturação da sociedade cabocla apresenta uma série de peculiaridades, as quais podem ser caracterizadas como complexa, pois, carregam consigo tradições que vão da oralidade ao *modus vivendi* cotidiano – agricultura, sociabilidades, etc. – campos esses combatidos com veemência pela elite dirigente liberal em fins do século XIX e boa parte do XX. (CÂNDIDO, 1964).

^{xviii} Luiz Carlos Prestes, conhecido também, como “O cavaleiro da esperança” foi um importante político/estudioso da história brasileira. Comunista, Prestes e mais alguns companheiros de partido, e da sociedade de modo geral, percorreram todo o país durante a década de 1930 e 40 para divulgar as mazelas sociais do Brasil e combater o governo de Getúlio Vargas.